

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E PRÁTICAS INCLUSIVAS: INTEGRANDO ARTE À SUSTENTABILIDADE E AO RESPEITO À NATUREZA

Erika Fabrícia Ramos Neves Calado ¹

Élida Roberta Lopes de Carvalho ²

Sandra Pereira Almeida Lins ³

INTRODUÇÃO

Este artigo descreve uma experiência pedagógica interdisciplinar realizada com estudantes da Escola Municipal Professora Telma Maria Leandro de Sousa, localizada no município de Palmares - PE. O projeto teve como objetivo integrar arte, educação ambiental e práticas inclusivas por meio da produção de tintas naturais com solos coletados nos arredores da escola. A ação foi desenvolvida dentro da proposta de valorização da cultura local e da sensibilização dos estudantes da Sala de Atendimento Especializado - AEE para a sustentabilidade e o respeito à natureza.

A base legal e teórica para Educação Inclusiva é amparada pela Política Nacional de Educação Especial na perspectiva de Educação Inclusiva (Brasil, 2008) e pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), que preveem práticas inclusivas voltadas a participação ativa de estudantes com deficiência e transtornos globais de desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, os quais recebem suporte complementar na Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Nesse sentido, os projetos de Educação Ambiental, reforçam a ideia da formação cidadã que não se limita ao acesso físico, mas envolve a construção coletiva do conhecimento, o reconhecimento das diferenças e a valorização das singularidades.

Neste contexto, as Organizações da Nações Unidas – ONU reforçam e apoiam ações que promovam a “Educação de Qualidade” a partir dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis com destaque à ODS 4.7 que pretende até 2030:

[...]garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades

¹ Especialista em Ciências Biológicas pela Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul - PE, erikacalado1971@gmail.com;

² Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Universidade de Pernambuco- UPE, elida_roberta30@hotmail.com;

³ Especialista em Ciências da Educação pela Faculdade de Tecnologia Integrada - FATIN, Mestranda em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco - CAA/UFPE, sandrapereiraalmeida@yahoo.com.br



necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, [s.d.], on-line).

Assim, a escola tem um papel fundamental para garantir a equidade entre os estudantes. Ao se comprometer com a sustentabilidade, a instituição contribui significativamente para o desenvolvimento de indivíduos capazes de entender as mudanças sociais e ambientais, além de (re)conhecer os componentes essenciais para a criação de uma sociedade mais crítica, participativa e responsável.

Nessa perspectiva “a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da ideia de uma formação integral do aluno — segundo suas capacidades e seus talentos — e de um ensino participativo, solidário, acolhedor (MANTOAN, 2003, p. 9).

Ao longo do tempo, a Educação Ambiental foi formada historicamente por meio de contribuições teóricas e práticas que solidificaram seu sentido de pertencimento e sua importância no âmbito educacional.

Nesse sentido, a integração entre arte, educação ambiental e práticas inclusivas encontra respaldoado em diferentes áreas do conhecimento que defendem uma educação emancipadora, crítica e profundamente conectada à realidade socioambiental. De acordo com a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/1999), a Educação Ambiental deve configurar-se como um processo permanente e interdisciplinar, orientado para a formação de valores, saberes, habilidades e atitudes voltadas à preservação do meio ambiente em suas dimensões naturais, sociais e culturais. Nessa perspectiva, Loureiro (2012) enfatiza que a Educação Ambiental crítica não se limita à transmissão de informações, mas busca transformar práticas e fomentar a participação social na defesa da sustentabilidade

Para Martins Pereira e Cavalcante a Arte-Educação oferece aos estudantes:

[...] um meio acessível e sensível de expressão. Através das linguagens artísticas, os estudantes desenvolvem capacidades cognitivas e motoras, além de se beneficiarem de um ambiente mais inclusivo e acolhedor. Essa abordagem valoriza as diferenças individuais, promovendo uma educação mais equitativa e preparando os alunos para lidar com a diversidade na sociedade contemporânea. (Martins Pereira; Cavalcante, 2025, p. 145).

Corroborando, o diálogo com a arte potencializa as ações inclusivas, ao favorecer a sensibilidade, a criatividade e a expressão subjetiva dos estudantes. Para Barbosa (2010), a arte na escola não se restringe à reprodução de técnicas, mas constitui uma linguagem que amplia



percepções, possibilitando novas leituras de mundo. Ao trabalhar com elementos naturais – como a produção de tintas a partir do solo – a arte assume caráter ecológico e pedagógico, aproximando os sujeitos de seus territórios e despertando a consciência sobre a utilização sustentável dos recursos.

Para Martins Pereira e Cavalcante:

O impacto das aulas de Arte no desenvolvimento cognitivo e social de alunos com deficiência é expressivo. Essas aulas propiciam um espaço inclusivo, onde a expressão e a comunicação se tornam mais acessíveis, estimulando a criatividade, a atenção, a concentração e a resolução de problemas. A prática artística também favorece a flexibilidade cognitiva e a capacidade de adaptação a diferentes contextos de aprendizagem. (Martins Pereira; Cavalcante, 2025, p. 145).

Além disso, a valorização da cultura local e do sentimento de pertencimento se alinha à perspectiva freiriana de educação, que defende uma prática pedagógica dialógica e contextualizada. “Poderíamos pensar como um desses caminhos possíveis de unir uma educação inclusiva com o que passa além dos muros da escola, uma realidade social digamos, que mais exclui do que inclui, seria por meio da arte. Mais especificamente a arte dos dias atuais, a arte contemporânea (Freitas, 2007, p. 9). Paulo Freire (1996) ressalta que a aprendizagem significativa parte da realidade concreta dos educandos, permitindo que o conhecimento escolar dialogue com a experiência de vida e fortaleça identidades.

Freitas (2007) entende que:

[...] A escola ainda segrega. E se ainda o faz, é um reflexo de uma sociedade que também segrega. Ainda se constitui um desafio à busca de um caminho eficaz às necessidades educativas de uma população cada vez mais heterogênea e a construção de um espaço social que a todos aceite, que a todos respeite, com suas potencialidades individuais. (Freitas, 2007, p. 9)

Portanto, integrar arte, educação ambiental e inclusão representa uma prática pedagógica que rompe com modelos tradicionais, promove a sustentabilidade, valoriza a diversidade cultural e contribui para a formação de sujeitos críticos, capazes de atuar de maneira ética e responsável diante dos desafios socioambientais contemporâneos para além dos muros da escola.

Enfim, Artes aliada a educação ambiental além de promover a consciência ambiental, promove a formação cidadã, a equidade, desenvolvimento cognitivo - pois estimula a memória, a percepção e a imaginação, além de permitir a expressão de sentimentos por meio dessa linguagem tão expressiva.



METODOLOGIA

A atividade pedagógica foi fundamentada em uma pesquisa-ação pois segundo Thiollent (2025) trata-se de “um caminho ou um conjunto de procedimentos para interligar conhecimento e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos”. Nesse sentido a pesquisa é de natureza qualitativa segundo preconiza Minayo (2001), pois se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, e se ancorada nos princípios da metodologia ativa, com foco no protagonismo estudantil, na inclusão e na construção coletiva do conhecimento.

A coleta de dados foi realizada por meio de observações participantes, relatos orais e registros fotográficos, que permitiram acompanhar os processos de envolvimento, descoberta e criação dos estudantes, à luz da análise de conteúdo (Bardin, 2016), que permite a interpretação sistemática e objetiva dos registros coletados.

As atividades foram desenvolvidas em ambiente colaborativo, com incentivo à expressão individual e ao trabalho em grupo, possibilitando que os estudantes compreendessem, na prática, a relação entre arte e meio ambiente, seguindo as seguintes etapas: (i) *Sensibilização inicial*: Realização de rodas de conversa com os estudantes, abordando temas sobre a importância do solo fértil para implementação da horta escolar, a alimentação saudável, e os riscos do uso indiscriminado de agrotóxicos. Essa fase teve o objetivo de construir uma reflexão sobre o solo da escola e suas condições para o plantio. (ii). *Coleta de amostras do solo do pátio da escola*: Nessa etapa, a atividade além de reforçar os conteúdos de forma interdisciplinar envolvendo Geografia e Arte, incentivou o protagonismo juvenil, possibilitando a percepção de que as diferentes cores do solo funcionam como indicadores de sua composição, fertilidade e condições ambientais. (iii) *Produção das tintas sustentáveis*: No laboratório de ciências da escola, foram produzidas as tintas sustentáveis. Para a produção, utilizou-se o solo coletado, que, depois de peneirados, as diferentes cores de solo foram despostos em recipientes distintos. A cada recipiente foram adicionados óleo, cola, água e trigo, ficando uma mistura heterogênea. Essa fase permitiu aos estudantes observarem na prática os conceitos de misturas e suas faixas. (iv) *Pintura dos quadros com as tintas produzidas*: Nesta fase os estudantes puderam exercitar a criatividade e a coordenação motora fina, e o estímulo sensorial. Manipula esses elementos, além de ativar o protagonismo fortaleceu o vínculo afetivo com a natureza e pertencimento relacionado a escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto demonstrou que ações pedagógicas sustentáveis podem contribuir para o



fortalecimento de valores éticos e ambientais, com respeito às diferenças e a inclusão de todos os estudantes no processo educativo. A experiência reforça a importância de metodologias integradoras que conectem a escola ao território, ao tempo presente e aos desafios contemporâneos da educação ambiental.

A proposta permitiu que os alunos participassem de forma ativa em todas as etapas do processo, desde a exploração do território para a coleta de diferentes tipos de solo até a secagem, trituração e peneiramento do material, culminando na produção das tintas utilizadas em composições artísticas com temas voltados à natureza, à identidade local e à diversidade.

A ação também promoveu a equidade e a inclusão, possibilitando que, em 2024, os estudantes participassem da I Feira de Ciências e Inovação do IFPE – Campus Palmares, onde se destacaram ao receber medalha de bronze entre os diversos trabalhos submetidos. Em especial, os estudantes da sala do AEE conquistaram o 3º lugar, evidenciando o potencial inclusivo, criativo e transformador dessa experiência pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que a proposta de integrar arte, educação ambiental e práticas inclusivas, descritas neste artigo, favoreceu a construção de um conhecimento significativo e contextualizado, possibilitando o desenvolvimento de habilidades artísticas dos estudantes, como também despertando a consciência ambiental e o pertencimento a comunidade escolar. A proposta de produzir tintas naturais a partir de solos que foram extraídos do terreno da escola, proporcionou a participação ativa de todos os estudantes, respeitando as suas especificidades, possibilitando a interação entre eles, promovendo um ambiente mais inclusivo e colaborativo. Esta vivência de integrar arte, educação ambiental e inclusão torna a prática pedagógica desafiadora e transformadora, transcendendo os modelos tradicionais da escola, incentivando a consciência ecológica, valorizando as identidades culturais e preparando os estudantes para pensarem de forma crítica, ética e responsáveis mediante às diversas e complexas situações socioemocionais da atualidade.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Pertencimento, Práticas Inclusivas, Respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da



Educação Inclusiva. Brasília, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Neli Klix. Necessidades Educativas Especiais, arte, educação e inclusão. Revista E-Curriculum, v. 2, n. 2, 2007.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação Ambiental crítica: contribuições e desafios. São Paulo: Cortez, 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?. São Paulo: Moderna, 2006.

MARTINS PEREIRA, Sirlei; CAVALCANTE, Marta Suely Alves. A Contribuição da Arte para a Educação Inclusiva de Alunos com Deficiência no Ensino Fundamental II. Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales, v. 21, n. 1, p. 142-157, 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4: Educação de qualidade. ONU Brasil, [s.d.]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>Acesso em: 13 out. 2025.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. Cortez editora, 2025.

